

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

SABRINA VOLTZ

**A Importância dos Contos de Fadas - um estudo
sobre as preferências das crianças**

**Porto Alegre
2010**

SABRINA VOLTZ

**A Importância dos Contos de Fadas - um estudo sobre as
preferências das crianças**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FACHED/UFRGS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natália de Lacerda Gil

Tutora: Prof.^a Márcia Campos

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida, que são minha família de origem e minha família atual.

À minha família de origem, pais e irmãos, que são responsáveis por quem sou hoje.

À minha família atual, marido e filha, que são responsáveis por quem desejo vir a ser amanhã. Tudo que faço é pensando no nosso futuro.

MEUS AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, neste momento de conclusão de curso, algumas pessoas que foram essenciais durante esta trajetória...

... À minha mãe, que com seu exemplo de batalhadora me mostrou que é possível sim fazer faculdade, trabalhar e cuidar da família, como ela fez...

...Ao meu pai, que me falou desde pequena da importância da educação...

...Aos meus irmãos e cunhada, que me incentivaram desde o momento da inscrição no vestibular...

...Ao meu marido, pelas horas dispensadas ao computador em que não estive presente ao seu lado...

...E principalmente à minha filha, que desde os seu 4 meses de idade aprendeu a ficar quietinha e se entreter sozinha para que sua mãe pudesse estudar...

... À professora Natália de Lacerda Gil e à tutora Márcia Campos pela paciência com meus atrasos, erros, desacertos...

...Às colegas Liege Maciel Ramos Paim e Adriana Marques que me acompanharam durante todo o curso e me apoiaram nos momentos difíceis; estas serão amigas para toda vida...

...A todos os alunos que passaram por mim nestes anos, por participarem involuntariamente do meu crescimento profissional...

...E aos colegas de trabalho e escolas onde trabalhei, sempre dispostos a ajudar uma pedagoga em formação.

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre os Contos de Fadas e sua importância psicológica para os alunos e crianças em geral. Tem como objetivos descobrir se os Contos de Fadas permanecem atuais, ou seja, se despertam interesse nas crianças de hoje; verificar se o interesse é maior na transmissão oral, ou através de meios de comunicação modernos como vídeo e televisão; e observar se há existência de uma diferença de percepção psicológica nas crianças, entre os Contos de Fadas e as histórias de hoje em dia. Está fundamentada em estudos na área de psicologia e literatura infantil, onde se afirma que os Contos de Fadas em sua versão original são de fundamental importância na formação da personalidade da criança. Este tema vem sendo amplamente discutido, mas esta pesquisa teve seus fundamentos teóricos principalmente dois autores, que são Bruno Bettelheim (1980) e Ana Maria Machado (2002). O autor afirma que os Contos de Fadas somente em sua versão original são capazes de atingir o inconsciente da criança e de ajudá-la a resolver seus conflitos internos. Ele demonstra exemplos e toda uma simbologia adjacente nestes contos que acredita serem em parte responsáveis por esta resolução de conflitos. A autora, além de concordar com esta questão psicológica, é contra adaptações nos Contos por acreditar ser um desrespeito a uma obra literária tão secular. Ela afirma que “pasteurizar” os contos para adaptá-los à modernidade também é um desrespeito com a criança, pois além de lhe tirar a oportunidade de conhecer uma obra literária pertencente ao folclore mundial, também lhe tira a chance de um final justo. Para tornar concreto este estudo foi feita uma pesquisa através do método assembleia, onde as perguntas são lançadas ao grande grupo e as respostas vão sendo anotadas e tabuladas. Todo o trabalho foi feito na turma em que trabalho este ano. São 23 alunos em uma primeira série, com idade entre seis e sete anos, 13 meninas e 10 meninos. Todas as questões tinham como objetivo visualizar as preferências dos alunos em diversas modalidades de história: transmissão oral, por vídeo, Contos de Fadas e história atual. Chegando ao final das cinco semanas, que foi o tempo necessário para realizar a pesquisa, obtive os seguintes dados: se for exibido em filme, a preferência foi pela história atual; caso for contação oral, preferiram o Conto de Fadas; mas entre contação oral e filme, preferem assistir o filme. Pude então concluir que as crianças apreciam o Conto de

Fadas na forma de transmissão oral, como afirmaram os autores, mas também apreciam histórias modernas de qualidade e as transmitidas através das tecnologias, com seus movimentos, cores e personagens animados.

Palavras-chave: contos de fadas, psicologia, literatura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – POR QUE OS CONTOS DE FADAS?	11
1.1– Os Contadores de Histórias	15
1.2 - Os Contos de Fadas na Educação	17
CAPÍTULO 2 – ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	19
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a Literatura Infantil, mais especificamente os Contos de Fadas. O interesse por esta temática surgiu quando entendi que devia trabalhar em algo que sempre me foi caro, pois os Contos de Fadas são uma “paixão” que migrou da infância para a idade adulta. Além disso, percebi em conversas informais na aula, o pouco contato dos alunos da minha turma com esta temática. Muitos nunca ouviram falar destas histórias, pois quando questionei se conheciam A Bela e a Fera, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, João e Maria, Os Seis Cisnes (pedi que levantassem a mão quando reconhecessem o título mencionado), em alguns casos nenhum aluno levantou a mão. A exceção foram os clássicos das princesas, gravados pela Disney (Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida), sendo que os meninos não conheciam as histórias e a maioria das meninas já havia assistido em DVD.

Acredito que isto acontece devido a vários fatores. O pouco tempo disponível dos pais para poderem contar estas histórias, o mundo da internet onde a informação instantânea e on-line tirou o status da oralidade, que é a principal base dos Contos de Fadas, e a cultura da televisão, onde os programas de interesse familiar passam ao largo destas histórias.

A partir disto, empenhei-me, então, em resgatar alguns destes Contos com meus alunos e descobrir se ainda podem ser foco de interesse das crianças, ou se as mudanças do mundo atual fizeram com que não seja mais possível despertar o interesse por essas histórias clássicas, levando os alunos a optarem por outros tipos de histórias.

Pretendendo elucidar este aspecto, optei por uma pesquisa com os alunos da minha sala de aula, uma turma de primeiro ano, com crianças entre seis e sete anos, além de pesquisa bibliográfica. A pesquisa em sala de aula foi feita da seguinte maneira:

Primeiro contei a história Chapeuzinho Vermelho, por ser um título mais conhecido, e após isso fiz questionamentos investigando se gostaram da história e

se a conheciam em outra versão. Anotei as respostas que foram mais significativas. Num segundo momento, propus um título mais desconhecido, como os Seis Cisnes, e repeti as perguntas. Continuei o trabalho mostrando o filme da Branca de Neve, onde fiz os questionamentos acima, e acrescentei a pergunta de se preferem ouvir a história ou assistir o DVD. Conteí então a história do livro “Charlie e Lola – Diga Xis!” (Lauren Child), que é bem atual, e fiz as perguntas, se gostaram, conheciam, de onde conheciam, registrando as respostas também. Após isto, mostrei o filme “Monstros S.A.” e fiz as mesmas perguntas, registrando as respostas. Para finalizar, perguntei se preferiram as histórias “antigas” ou as atuais e por que. Fiz uma tabulação das respostas para verificar quantas crianças preferem os Contos de Fadas e quantas preferem a transmissão oral em detrimento das histórias modernas e da transmitida em vídeo, destacando respostas significativas para exemplificar.

Os objetivos da pesquisa eram os seguintes:

*Descobrir se os Contos de Fadas permanecem atuais, ou seja, se despertam interesse nas crianças de hoje.

*Verificar se o interesse é maior na transmissão oral, ou através de meios atuais como vídeos e televisão.

*Perceber se há existência de uma diferença de percepção psicológica nas crianças entre os Contos de Fadas e as histórias atuais.

Este tema é importante porque as histórias infantis no geral abordam elementos que interferem no funcionamento psicológico das crianças e isto se reflete na aprendizagem. Também porque as histórias infantis são frequentemente o primeiro contato das crianças com o letramento: ao ler um livro de histórias para elas, as iniciamos no uso social da escrita.

Por fim, cabe enfatizar que tal temática tem sido amplamente abordada na área educacional por Ana Maria Machado, Bruno Bettelheim, entre outros.

1 – POR QUE OS CONTOS DE FADAS?

Os Contos de Fadas são provenientes de uma cultura de oralidade. Não se pode afirmar em que data exata foram criados e nem por quem.

Sua origem deve ser muito antiga. Para muitos estudiosos, estão associadas a alguns ritos das sociedades primitivas — sobretudo ritos de passagem de uma idade para outra, ou de um estado civil a outro. Por isso, guardariam tantas marcas simbólicas da puberdade e do início da atividade sexual. (MACHADO, 2002, p.73).

Acredita-se que foi antes e durante a Idade Média, mas alguns pesquisadores descobriram uma história bem similar à da Cinderela na China, durante o século nove D.C. Daí vem o foco no minúsculo sapatinho de cristal, vindo de uma cultura onde pés muito pequenos são sinal de “virtude extraordinária, de distinção e beleza” segundo Bettelheim (1980).

Este autor, assim como muitos outros, acredita que foi uma criação coletiva, ou seja, conforme foram sendo contados também assim foram modificados, a fim de se adaptar a alguma situação específica ou ao gosto das crianças ouvintes.

Chegando à Idade Moderna a infância ganhou nova perspectiva. Até aquele período,

As crianças não eram nem queridas nem odiadas nos termos nos quais esses sentimentos se expressam no presente. Participavam juntamente com os adultos das atividades lúdicas, educacionais e produtivas. E não se diferenciavam dos adultos nem pela roupa que vestiam, nem pelos trabalhos que executavam, nem pelas coisas que normalmente diziam ou deixavam de dizer. (WILSON, 1980; apud NARDOWSKI, 1994, p.172).

Mas este novo olhar para a infância se deve principalmente ao capitalismo. Com a livre concorrência os pais precisam preparar os jovens para que se tornem adultos de sucesso, e investir na educação é a principal opção destes pais. Todas estas mudanças econômicas e sociais acarretam em uma grande transformação na

estrutura desta família moderna, onde antes os filhos eram “uma mão a mais” no trabalho e “uma boca a mais” para alimentar.

Partindo da preocupação dos adultos com a educação da infância começa a surgir o material didático, e com ele o livro literário. Começa-se a perceber a necessidade de qualificar o que se oferece às crianças, e de se adequar este material à sua compreensão. Assim, fica mais fácil simplesmente adaptar histórias do folclore, além de que começaram a surgir os primeiros livros e histórias próprias para crianças.

O caráter pedagógico dos Contos de Fadas consistiu nesta adaptação, onde sua função era a transmissão de valores, principalmente morais. O comportamento exemplar dos personagens, o bem vencendo o mal, os papéis familiares bem definidos são os melhores atrativos destas histórias.

Mas o que fascina as crianças obviamente não é o caráter pedagógico dos Contos de Fadas e sim a sensação do prazer de ouvir a história, a imaginação e identificação com os personagens. Observando este encantamento, Bruno Bettelheim (1980) concluiu que vários fatores influenciaram este comportamento. Ele diz que a criança busca sentido para a vida através do meio que lhe é proporcionado por sua pouca idade, que é a fantasia. Ainda afirma que esta maneira de lidar com a fantasia não é uma fuga da realidade, mas o contrário: a criança vai aprender e entender a realidade a partir do êxito na fantasia dos Contos. Ver os personagens lutarem para melhorar sua vida auxilia as crianças a estruturarem seu mundo interno. Assim elas aprendem que se lutarem, podem derrubar obstáculos e vencer. É a confiança de que no final todos viverão felizes para sempre.

Os Contos de Fadas seguem uma ordem de narrativa mais ou menos parecida. Partem de um personagem principal, geralmente um mocinho ou mocinha, que tem “seu mundo abalado” por algo de ruim que lhe acontece. De acordo com Ana Maria Machado, esta é "uma forma de produção cultural que tem seu próprio sentido, lentamente elaborado pelos diferentes elementos da narrativa, à medida que a história se desenrola e se encaminha para seu final, consolidando seu significado profundo" (Machado, 2002, p.75). A restauração da ordem acontece no

desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, pode-se dizer que os contos de fadas permitem que a criança exercite seu potencial imaginativo e de outro lado, transmitem à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

Os personagens são uma parte importante desta simbologia. Na maioria das vezes não possuem nome próprio, mas algum nome relacionado à sua característica principal. Cinderela, por que dormia nas cinzas, obrigada por suas irmãs, Branca de Neve, rosto branco como a neve, o Pequeno Polegar etc. Também não têm uma idade definida, podendo “ir de oito a oitenta”, como afirma a psicopedagoga Taicy de Ávila Figueiredo, em seu artigo *A Magia dos Contos de Fadas*. Ela diz que assim a criança se identifica com qualquer um destes personagens. Quando um ser é dotado de sabedoria, normalmente é um ancião, valorizando a aprendizagem adquirida com a idade. E até mesmo os vilões são passíveis de identificação da criança: em *Chapeuzinho Vermelho* nem sempre a criança se identifica com a menina, mas também manifesta sua parte má ao se identificar com o lobo mau; este também vem com a característica principal acrescida em seu nome.

A riqueza do material simbólico que tem em mãos faz com que Bettelheim insista nas advertências sobre o perigo das adaptações dos textos, que vão privá-los de sequência de ações, características de personagens e detalhes do ambiente. Cada elemento tem, nos contos, uma profunda carga significativa que, uma vez retirada, empobrece a totalidade da narrativa e as possibilidades de compreensão do leitor ou ouvinte. Daí a importância da apresentação integral dos textos.

A escritora Ana Maria Machado também é cautelosa quanto às adaptações. Em seu livro **Como e por que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo** (2002), ela indica as adaptações apenas como introdução, como um primeiro contato com os clássicos, para que se desenvolva o gosto pela leitura, mas que se deva apresentar o conto de fadas na íntegra, pois são obras literárias e devem ser apreciadas como tal. A autora é radicalmente contra as adaptações que alguns “autores”, a pretexto de transformarem os contos de fadas em histórias mais próximas da modernidade ou do politicamente correto empreendem, transformando-

os em historinhas açucaradas, moralizantes ou psicologicamente menos chocantes, demonstrando ignorância e arrogância em adulterarem sem pudor algum, histórias que fazem parte do repertório comum e tradicional da humanidade, pretendendo legar às novas gerações uma história melhor adaptada ao contexto moderno.

A autora reforça ainda, quanto à riqueza de simbologias dos contos de fada, através das quais, assim como os adultos, mas principalmente as crianças, conseguem projetar seus medos, desejos e anseios. Por isso ela reforça que adaptações feitas para que se obtenha o “politicamente correto”, “pasteurizando” as histórias para que não pareçam tão violentas para as crianças, acabam sendo perniciosas, pois tiram da criança a oportunidade de canalizar sua violência e obter um final justo.

Bruno Bettelheim salienta, ainda, a importância de que os adultos, pais e professores, contem histórias de fadas para a criança para maior aproximação afetiva. Ao narrar as peripécias repletas de magia de que se compõem os contos, estão entrando no jogo infantil e deixando a mensagem de que o aceitam como ele é, respeitando a forma de raciocínio mágico desta faixa etária.

Assim entendidos, os contos de fadas funcionam como agentes emancipadores, capazes de projetar o pequeno leitor ou ouvinte para além do universo cotidiano, criando a vida como ainda pode ser vivida. Por isso, seu caráter educativo, em sentido amplo, é resgatado em detrimento de sua função meramente pedagógica.

1.1 – Os Contadores de Histórias

Segundo Neil Philip (1997), nos tempos antigos a maioria da população era analfabeta, vivendo em zonas rurais, então a transmissão dos contos de fadas era oral. Com o surgimento de mais escolas, e abertas para a população em geral, e também a migração para os centros urbanos, o hábito de contar histórias correu o risco de desaparecer. Alguns escritores da época se incumbiram de coletar e registrar no papel estas narrativas orais, evitando que se perdessem. Com o tempo algumas destas histórias se modificaram, mas nunca perderam seu fascínio. Podemos conhecer grande parte destas histórias graças ao trabalho de Charles Perrault, na França, dos Irmãos Grimm, na Alemanha, de Hans Christian Andersen, na Dinamarca.

Charles Perrault nasceu na França em 1628 e morreu em 1703. Publicou *Histórias, ou contos dos tempos passados*, em 1697, dando início ao gênero literário dos contos de fadas. Sua literatura de início não era voltada para crianças, mas com a adaptação de “A Pele de Asno” manifestou sua intenção de escrever para elas, principalmente orientando-as moralmente. Também era escritor, mas devido ao seu trabalho como funcionário público preferiu atribuir suas criações ao filho, Pierre. Seus principais contos são: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique de Topete e O Pequeno Polegar.

Os irmãos Grimm – Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) – começaram a recolher os contos de fadas com familiares e amigos. Também segundo Neil Philip (1997), a esposa de Wilhelm, antes de se casarem, forneceu-lhe mais de doze histórias. Amigas da família, Amalie e Jeannette Hassenpflug, lhes contaram Branca de Neve. Mas a maior parte das lendas foi-lhes contada pela senhora Viedhmaennin, uma camponesa oriunda da aldeia de Niedezwehn, perto de Kassel. Juntos conseguiram coletar mais de 210 histórias. Entre as mais conhecidas estão A Bela e a Fera, A Gata Borralheira, Rapunzel e João e Maria (no original, Joãozinho e Margarida). Também foram registradas 10 lendas e 600 cantigas folclóricas (FREITAS, 2003/2004).

Hans Christian Andersen (1802-1875) era filho de um humilde sapateiro de 22 anos, casado com uma mulher mais velha. Nasceu em Odense, na Dinamarca, e vivia com toda a família em um quarto. Seu pai o ensinou a ler e o estimulava muito, mas ao morrer, Andersen precisou abandonar a escola para ajudar a sustentar a família. Hans foi um escritor muito profícuo publicando 156 histórias. Estas trabalhavam com o código social e eram inspiradas na sua infância sofrida, trazendo uma moral ou ensinamento, principalmente sobre injustiças sociais. Destacam-se: A Roupas Nova do Imperador, O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, A Pequena Sereia, A Pequena Vendedora de Fósforos, A Princesa e a Ervilha.

1.2 - Os Contos de Fadas na Educação

Segundo Taicy Figueiredo (2000) trabalhar os Contos de Fadas em sala de aula é um momento de grande prazer, tanto para os alunos quanto para o educador. Desperta atenção e interesse, envolve as crianças quanto ao assunto. A rodinha de história é um momento rico para a alfabetização, já que ao ouvir as narrativas as crianças enriquecem seu repertório para o desenvolvimento da leitura e escrita, pois está ampliando seu vocabulário. E o aprender a ler passa pelo letramento, que é o uso social da escrita. Pois bem, que melhor começo do que este?

Um outro argumento que justifica o uso do termo (letramento) em vez do tradicional "alfabetização" está no fato de que, em certas classes sociais, as crianças são letradas, no sentido de possuírem estratégias orais letradas, antes mesmo de serem alfabetizadas. Uma criança que compreende quando o adulto lhe diz: "Olha o que a fada madrinha trouxe hoje!" está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas: assim, ela está participando de um *evento de letramento* (porque já participou de outros, como o de ouvir uma estorinha antes de dormir) (KLEIMAN, 2006, p.2)

Por isso, existe uma acentuada diferença entre as histórias contadas e as histórias lidas para uma criança, já que, a linguagem se reveste de qualidade estética quando escrita, e essa diferença já pode ser percebida por ela. Ao ouvir histórias, a criança vai construindo seu conhecimento de linguagem escrita. Logo, ouvindo os contos, a criança aprende pela experiência a satisfação que uma história provoca; aprende a estrutura da história, passando a ter consideração pela unidade e sequência do texto.

Já Bruno Bettelheim (1980) diz que a história deve ser contada, não lida, para poder atingir integralmente seus significados simbólicos e interpessoais. Ele mostra que como as histórias foram transmitidas oralmente de geração a geração, deve-se respeitar este método, pois os narradores foram acrescentando e adaptando a história de acordo com as perguntas das crianças. Além disso, o narrador pode acrescentar algo que possa ser significativo para ele mesmo ou para o ouvinte. "A narrativa da história para uma criança, para ser mais eficaz, tem de ser um evento interpessoal, moldado pelos que participam dela".(BETTELHEIM,1980, p.185)

Outra maneira de trabalhar a linguagem e a parte psicológica do Conto de Fadas é pedir que a criança recontе a história. Além de exercitar a memória e a oralidade, a criança reconta a história de acordo com seus próprios conflitos.

“...como também tem seus próprios meios de lidar com os elementos da estória que vão de encontro às suas necessidades emocionais. Conseguem isto modificando a estória, lembrando-se dela de modo diferente da versão original, ou acrescentando-lhe detalhes.”
(BETTELHEIM, 1980, p.185)

Um exemplo disso, citado pelo autor acima, é o caso de uma criança que recontava a história de João e Maria afirmando que as crianças foram expulsas pelo pai, sem o conhecimento da mãe, assim salvaguardando a figura materna para ele mesmo.

Na medida em que as histórias vão sendo trabalhadas, as crianças vão se identificando com os personagens, transferindo seus conflitos para os vividos na história. Assim, o professor consegue trabalhar estes conflitos do dia-a-dia dos alunos e buscar soluções para os mesmos, melhorando o que não está bem. Também assim, uma criança que possui um conflito não necessariamente relacionado à escola, resolvendo este conflito internamente, se põe mais aberto para a aprendizagem em geral.

2-ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Minha pesquisa foi feita com meus alunos, turma 13, sala 5, na escola onde trabalho – Escola Municipal de Ensino Fundamental Presidente João Goulart, Gravataí, RS. A escola situa-se em um bairro de classe média baixa, e tem 1040 alunos, indo da pré-escola até oitava série (futuro nono ano). A turma onde estou este ano tem 23 alunos, 13 meninas e 10 meninos, com idades entre seis e sete anos. São crianças bem ativas, falantes, agitadas, com foco de atenção curto.

A pesquisa foi feita em cinco semanas (começou dia 27/09/2010 e finalizou em 30/10/2010), pois decidi contar ou exibir somente uma história por semana, evitando que os alunos ficassem cansados, “cheios” de ouvir uma história atrás da outra. Foram realizadas as atividades durante a Hora do Conto, que é na segunda-feira. Escolhi iniciar a semana com este tipo de atividade, pois assim posso explorar o assunto durante os cinco dias decorrentes. Eles desenham a história, recontam com suas palavras, e ofereço trabalhos como quebra-cabeças, caça-palavras etc. Também uso alguma palavra, normalmente do título, para trabalhar a letra inicial. Por exemplo, na história “Os Seis Cisnes”, as atividades foram referentes à letra C.

Pode-se dizer que foi feita uma pesquisa participativa, pois como contadora de histórias e professora atuante da turma, estava inserida no contexto da sala de aula.

Os dados da pesquisa foram obtidos através de Assembleia – onde lancei perguntas e os alunos responderam de acordo com sua vontade. Optei por este método para evitar respostas prontas e repetitivas, pois os alunos costumam repetir o que outro colega respondeu quando inquiridos contra a vontade, em público. Assim, as respostas são mais verdadeiras e significativas.

3 – ANÁLISE DOS DADOS

Para poder melhor analisar os dados da pesquisa, vou mostrar as reações dos alunos a cada uma das histórias.

Chapeuzinho Vermelho: Conteí a história na versão de Perrault, do livro “Volta ao Mundo em 52 Histórias”, de Neil Philip. Este autor foi fiel à versão de Perrault, onde este retirou o final feliz (a salvação da menina e da vovó pelo caçador), e deixou o lobo triunfar, para que a história tenha valor moral, onde meninas bem educadas não conversam com estranhos; caso desobedeçam, obterão o castigo merecido.

Foi feito desta maneira para que os alunos pudessem ter acesso a uma versão diferente, e começar o trabalho mexendo com seus conhecimentos prévios e emoções referentes aos Contos de Fadas. A autora Ana Maria Machado (2002), bem como Bruno Bettelheim (1980) afirmam que não se deve “pasteurizar” as histórias e sim permitir que a criança viva na fantasia as experiências violentas, para adquirir uma bagagem psicológica de fatos. Enquanto a história estava sendo contada, ficaram muito atentos e silenciosos, sem conversas paralelas, o que indica que estavam interessados. Terminada a contação, perguntei para todos, no geral, se gostaram da história.

E as reações foram dentro do previsto. Logo que terminei de contar a história, ficaram mudos por alguns segundos (evento relativamente raro nesta turma). Então começaram a falar, todos juntos, em protesto. Pedi que se acalmassem e falassem um de cada vez. As falas mais significativas foram:

Aluno P – A história não é assim...

Aluno J – Eu tenho um livro da Chapeuzinho e a história não acaba deste jeito!

Aluna A - O Caçador salva a Chapeuzinho: ela pula da barriga do lobo!

Aluna E - E o Caçador enche a barriga dele (o lobo) de pedra e joga no rio!

Percebendo que não estavam “acreditando” na história que contei, comentei com eles que existiam várias versões para a mesma história, que cada escritor fazia

como achava o mais correto e verdadeiro. Então pedi que decidissem qual versão achavam mais verdadeira. Ficaram bem divididos sobre este assunto. Os comentários mais expressivos foram:

Aluno B - É a outra história, por que esta não tem final feliz.

Aluna B – Tem que ter final feliz!

Aluno P – Por que é Conto de Fadas (achei interessante ele ter a noção de que contos de fadas devem ter final feliz)

Aluna SB – É esta (a recém-contada), por que o livro é de histórias verdadeiras (acredito que esta resposta foi obtida pelo fato de que antes de contar a história mostrei o livro, o nome do autor, e comentei que as 52 histórias foram coletadas de diversos países por este autor: assim, sendo um livro “sério”, só poderia ter histórias verdadeiras).

Os Seis Cisnes: Na outra semana contei para eles a história Os Seis Cisnes, do livro Contos e Lendas dos irmãos Grimm. A intenção foi contar algo desconhecido para eles, antigo, o mais próximo de um Conto de Fadas original. O livro de onde contei a história é muito antigo e bem fiel, principalmente no aspecto da violência com que são punidos os malfeitores. Fiquei até mesmo apreensiva, pois alguma criança poderia ficar com medo, assustada, mas aparentemente isto não aconteceu. Mostrei o livro e perguntei, antes de contar, se alguém já ouvira falar desta história. Unanimemente, todos responderam que não. Cabe aqui relatar que nunca tive plateia tão atenta. Não pronunciaram palavra alguma até o final da contação, evidentemente encantados em ouvir algo novo (para eles) e tão interessante. Questionei então se gostaram da história e foram bem enfáticos ao dizer que sim. Os comentários mais significativos foram:

Aluno V – Eu queria ouvir de novo... Conta outra vez!

Aluno B – É mais legal que todas as histórias!

Aluno L – Eu gostei porque o irmão mais novo ficou com uma asa (Não sei se existe relação, mas os pais sempre o comparam com o irmão mais novo, onde este segundo sempre é mais comportado, estudioso, inteligente etc, ou seja, ele sempre perde na comparação com o irmão menor. Assim, a história o compensaria, afinal, o mais novo “saiu perdendo” desta vez).

Aluna SR – Eu gostei porque tem final feliz.

Aluna J – Todas têm final feliz!

Aluna SR – (replicando) Algumas têm final feliz, e outras não (Percebi que comparou com a história contada na semana anterior).

*No geral comentaram a diferença do final entre esta e a de Chapeuzinho Vermelho, afirmando que esta era “bem melhor” por ter final feliz.

Branca de Neve e os Sete Anões: Continuando a sequência prevista, exibi o filme “Branca de Neve e os Sete Anões”, na versão de Walt Disney. Por ser uma adaptação de um clássico Conto de Fadas para o cinema, foi utilizado para testar a preferência sobre a contação oral, forma tradicional de se ouvir os contos de fadas, verificando se a transmissão por filme não interfere na apreciação da história. Muitas crianças conheciam a história, mas poucas já tinham assistido ao filme. Apesar do filme ser longo, mantiveram a atenção o tempo todo. Após a exibição, questionei se gostaram da história e todos gostaram, também fazendo os seguintes comentários:

Aluna S – Eu achei legal a Branca de Neve não ter mais medo (No início, a personagem aparece com medo do escuro e de estar sozinha, que é o principal medo das crianças. O comentário mostrou que a aluna se projetou na personagem).

Aluno E - Eu gostei que os animais mostraram a casa para a Branca de Neve e ela não precisou mais ter medo (Este aluno ainda dorme com os pais, por medo de ficar sozinho, mas está na fase de transição para o seu quarto. Logo, se identificou com a personagem, que “não precisa” mais ter medo).

Aluno P – Tem final feliz. (Foi um dos mais veementes quanto ao fato dos Contos de Fadas obrigatoriamente terem final feliz).

Aluno S – O final é feliz porque a Bruxa morreu e não pode mais enfeitiçar a Branca de Neve.

Aluno V – Eu gostei que a bruxa morreu! (Perguntado por que, disse que não sabe porque, mas que gostou. Como o auto Bruno Bettelheim afirma, a criança precisa ver o mal ser vingado, ou seja, a bruxa deve morrer para que a história esteja correta).

Aluno K – Branca de Neve é mais feliz que Os Seis Cisnes.

Charlie e Lola – “Diga Xis!”: A sequência prevista foi a contação da história “Charlie e Lola - Diga Xis!”, de Lauren Child. É uma história bem atual e faz parte do cotidiano das crianças, pois foi adaptado como desenho animado para a televisão. Ficaram muito inquietos durante a história, demonstrando que não estava agradável. Questionados se gostaram da história, disseram que sim, mas acharam muito longa. O interessante é que Os Seis Cisnes é maior, mas não perceberam a diferença. Não fizeram comentários significativos, além de que “não aconteceu nada de importante nesta história”. Ou seja, como o enredo não foi similar ao dos Contos de Fadas, com personagem passando por dificuldades e as superando, o mal (inexistente neste contexto) vencendo o bem, não acharam a história interessante.

Monstros S.A.: Para finalizar, exibi o filme “Monstros S.A.”. O interessante é que a maioria já tinha visto o filme, mas quiseram assistir novamente. Acho interessante esta necessidade de algumas crianças, a maioria na verdade, de ver o mesmo filme ou escutar a mesma história por diversas vezes. Parece que se sentem reconfortados ao ver ou ouvir elementos já conhecidos. Algumas crianças chegam a decorar os diálogos de seu filme preferido. Gostaram muito do filme, mas os comentários se resumiram as partes favoritas do filme.

Aluno P – Eu gostei quando o Mike caiu, e a menina riu.

Aluna S – Eu gostei quando a menina ficou nas costas do “grandão”, e ele ficou procurando ela.

Aluno K – Eu gostei de várias partes, porque tinha muitas engraçadas.

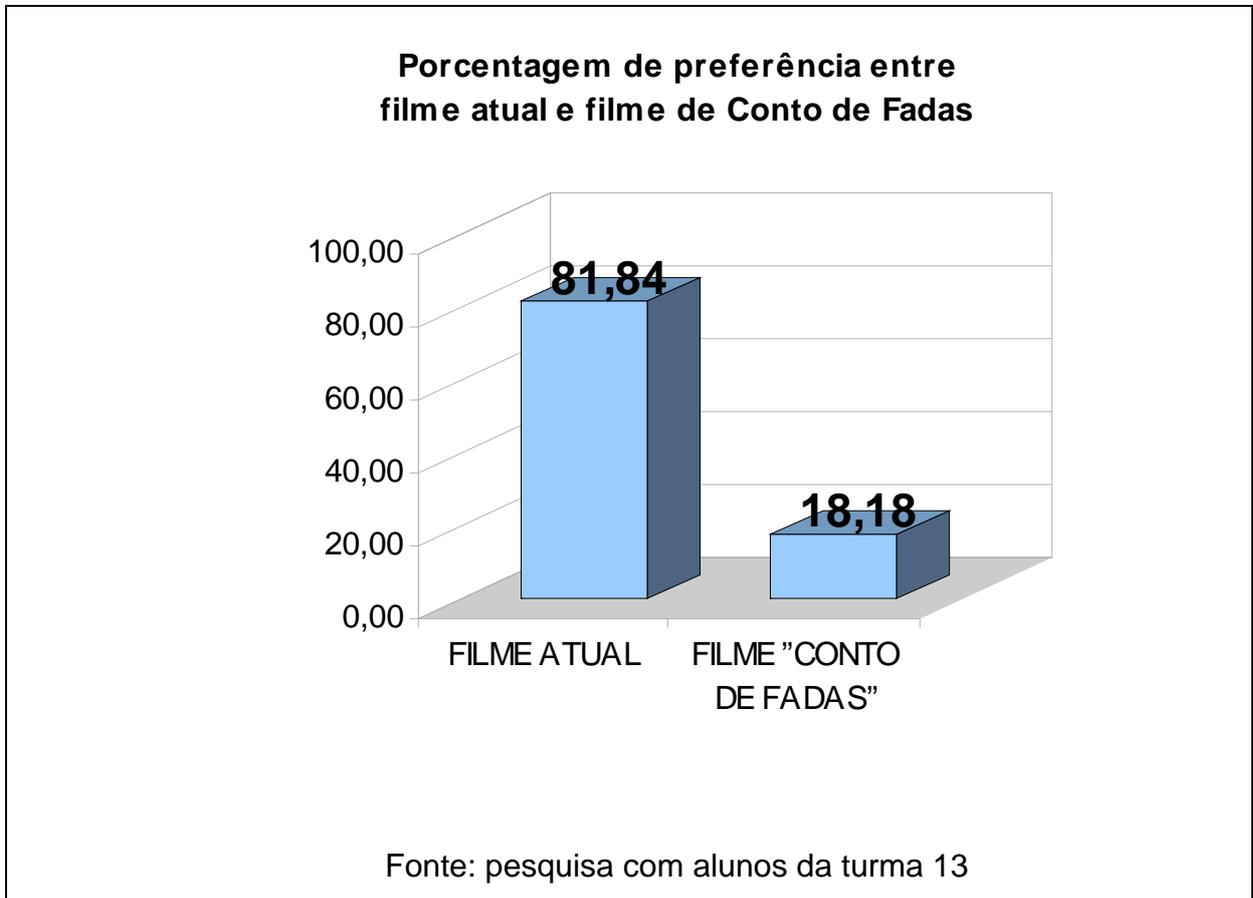
Aparentemente apreciaram o filme por seu humor mais fácil, onde apesar de haver um vilão, este se atrapalha do início ao fim, e sua punição foi a prisão, ao invés da morte ou algum outro tipo de violência.

Ao fazer a tabulação dos dados, a preferência dos alunos foi reveladora. Em nenhum momento esperei as respostas que obtive em relação às preferências das histórias.

Para verificar se a preferência por filme dependia de ser um Conto de Fadas ou uma história atual, comparando o filme “Monstros S.A.” com “Branca de Neve” observei que:

Tabela 1: filme de Conto de Fadas e atual

Conto de Fadas (Branca de Neve)	4 alunos
Atual (Monstros S.A.)	18 alunos



Dos que preferiram Branca de Neve, os comentários foram:

- Já conhecia o outro filme e Branca de Neve foi novidade (menino)
- É uma história mais bonita

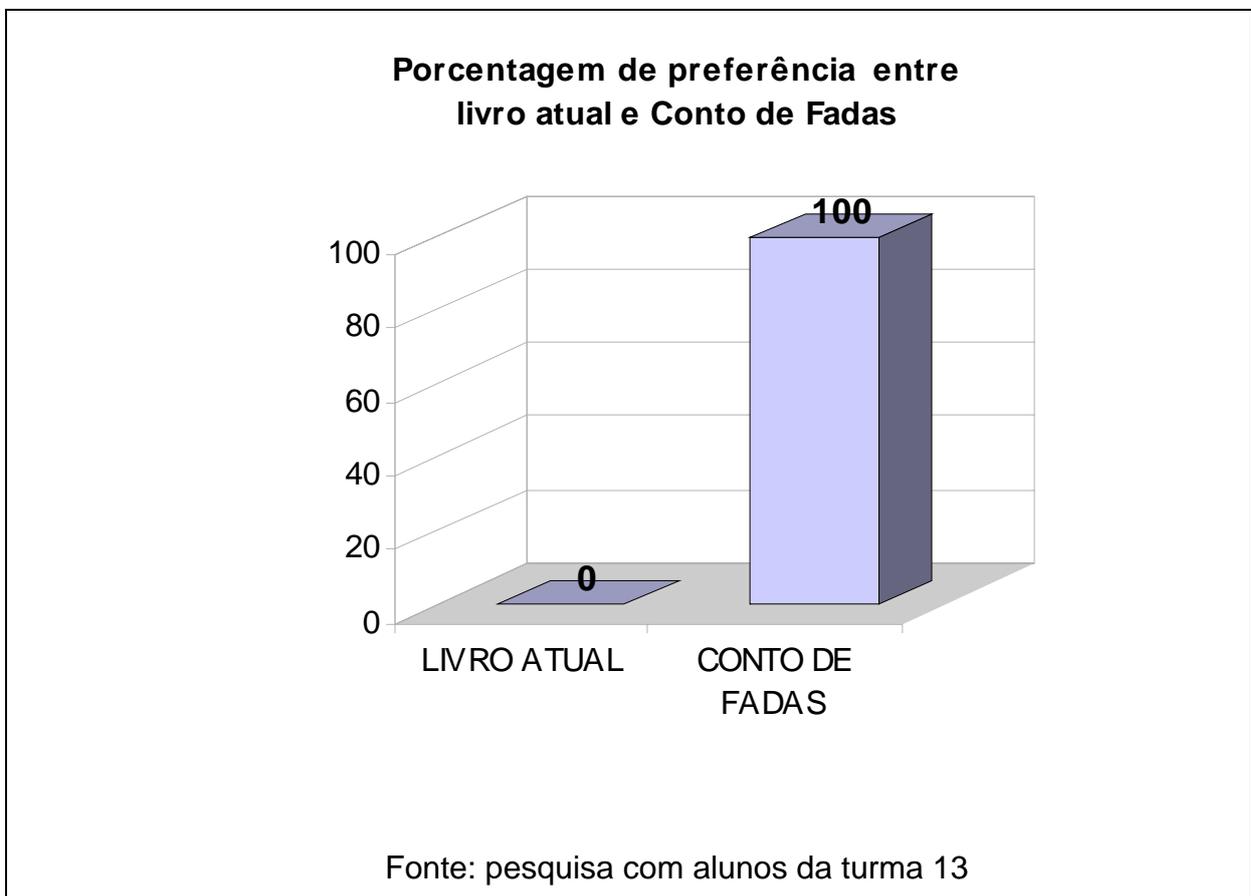
Os que preferiram a história atual disseram que:

- É mais engraçado
- Na Branca de Neve não tem crianças
- A história é melhor

Aferindo se os alunos preferem o Conto de Fadas em detrimento de uma história atual, ou seja, entre o livro atual, “Charlie e Lola – Diga Xis!” e o de Conto de Fadas “Os Seis Cisnes”, todos preferiram a história antiga.

Tabela 2: livro atual e Conto de Fadas

Atual (Diga Xis!)	0 alunos
Conto de Fadas (Os Seis Cisnes)	23 alunos



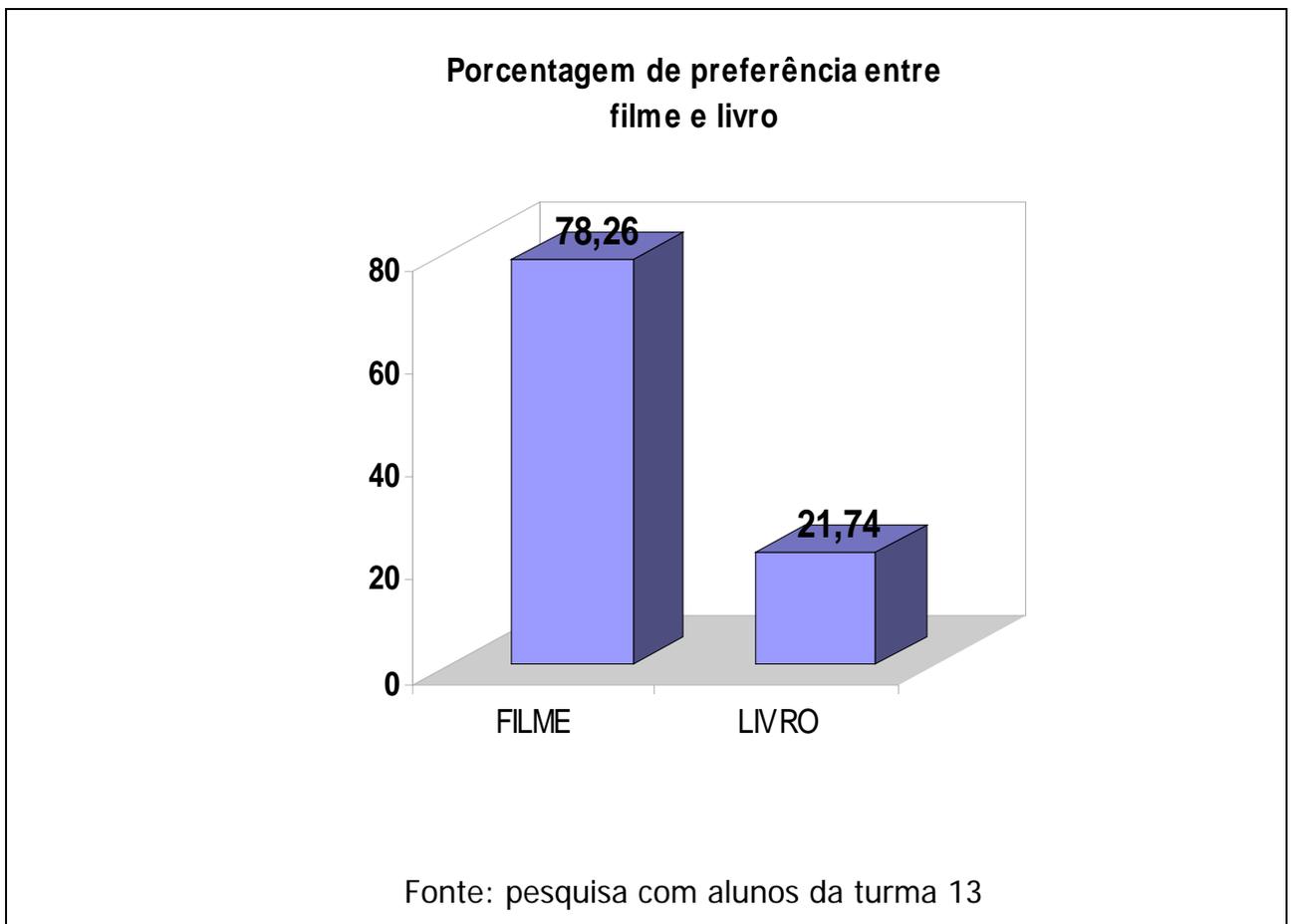
Os comentários foram os seguintes:

- No livro do Charlie e Lola não acontece nada “importante”
- Na história dos cisnes tem desafios e final feliz

Pretendendo verificar se os alunos preferem a história em forma de contação oral ou exibição em filme, pude verificar que entre o filme “Branca de Neve” e o livro “Os Seis Cisnes” ficou da seguinte maneira:

Tabela3: filme e livro

Filme	18 alunos
Livro (contação oral)	5 alunos



Questionados, os que responderam preferir o filme comentaram:

- Podemos ouvir as vozes dos personagens.
- No filme a história é maior, assim se aproveita toda a história.
- É mais bonito, podem-se ver os personagens.
- Tem movimento.

Os que preferiram a transmissão oral fizeram as seguintes observações:

- O filme é muito grande, ouvindo a história perde-se menos tempo.
- A história do livro era novidade, o filme eles já conheciam

Após a realização da pesquisa em minha turma percebi que a maioria dos alunos, cerca de setenta e oito por cento da turma, preferiu o filme atual ao Conto de Fadas. Citações de que o filme atual é mais divertido do que o outro foram as que mais se destacaram. Aparentemente as crianças apreciaram mais o humor do que se sentiram tocadas de alguma maneira pela história da Branca de Neve. Ou de acordo com os autores, Bruno Bettelheim (1980) e Ana Maria Machado (2002), por esta ser uma adaptação para o cinema, ao invés de ser contada a história original, não obteve o resultado desejado.

Mas na transmissão oral, a afirmação destes autores se confirmou: nenhum aluno preferiu a história atual em detrimento da antiga. Pode ser que este resultado se tenha dado pelo fato de os alunos desconhecerem totalmente o Conto de Fadas, apreciando a novidade, e estarem habituados a ver todo dia na televisão o desenho animado adaptado da história atual. Quando planejei o trabalho não me dei conta deste detalhe, que pode ser irrelevante (ou não) na pesquisa.

O momento final, de descobrir se os alunos preferiam a transmissão oral ou exibição em vídeo também foi surpresa: a maioria, na mesma porcentagem dos que preferiram o filme atual, setenta e oito por cento, preferiram assistir em vídeo. As alegações eram de que quando alguém conta a história eles não podem ver os personagens e mesmo que se mostre as figuras do livro, elas não têm movimento,

animação. Também de que o filme é maior, foi alegação para os dois lados: como vantagem para o que preferiram o vídeo e desvantagem para os que preferiram a transmissão oral. Esta preferência pode ter ocorrido pelo fato de que o vídeo é mais comum no seu cotidiano do que alguém contando uma história para eles. As mães já não ficam mais em casa com as crianças, pois precisam trabalhar fora, muitos deles não convivem com os pais, então a historinha antes de dormir virou um filme comprado em um camelô, por ser mais prático: enquanto a criança assiste, a mãe pode fazer as tarefas domésticas acumuladas durante o dia em que esteve fora. Hoje em dia, com a proliferação de DVDs falsificados, os famosos “piratas”, não é frequente encontrar uma criança que não tenha assistido a algum filme infantil, pois estas cópias são vendidas até de porta em porta nas casas e comércios.

Quanto ao objetivo que visava verificar se há existência de uma diferença de percepção psicológica nas crianças entre os Contos de Fadas e as histórias atuais, não foi possível chegar a nenhuma conclusão. Acredito que pelo pouco tempo e por poucas histórias contadas não pude perceber nenhuma mudança de comportamento, e até mesmo porque algumas questões internas da criança permanecem em seu íntimo, e não se pode detectar exteriormente. Ao formular o objetivo, não tive esta ideia, foi somente no decorrer do trabalho que isso apareceu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei este trabalho com a crença de que, segundo os autores estudados, as crianças preferem os Contos de Fadas às histórias atuais, segundo estes, pelo fato destas primeiras histórias mexerem com o lado psicológico da criança. Recriminam as adaptações, devido a sua pobreza literária e por sua simbologia pobre.

Eu partilhava (e ainda partilho) destas mesmas ideias, apesar de não ter conhecido antes o trabalho do autor Bruno Bettelheim e ter lido o texto da Ana Maria Machado apenas depois de começar o PEAD. Acredito que as ideias vinham de minha experiência pessoal, pois quando criança eu li toda uma coleção de histórias dos Irmãos Grimm muito antiga, que é da minha mãe. Inclusive foi um livro desta coleção que usei para contar a história “Os Seis Cisnes”. Estas histórias me encantavam muito, e depois de adulta comecei a reparar nos livros que ficavam à disposição das crianças na biblioteca da escola, ou que eles traziam de casa: a maioria adaptações paupérrimas destes Contos de Fadas, em coleções geralmente de dez livros, comprados por dez reais (aparentemente foi uma das poucas coisas que não sofreu aumento de preço nestes anos em que exerci o magistério). O contraste gritante entre os dois tipos de literatura me incomodava bastante, fazendo com que eu sempre procurasse livros de melhor qualidade para a hora do conto dos meus alunos, proporcionando algo melhor para eles.

Ao concluir esta pesquisa, fiquei muito surpresa ao perceber que os Contos de Fadas não são preferência dos alunos, que eles gostam mais de ver um filme atual do que ouvir uma história na rodinha. Mas não posso afirmar que estes não se encantam também com estes contos; acredito que com a modernidade as crianças, não somente os adultos, também são expostas a uma grande quantidade de informação, e eles não precisam escolher entre um e outro (antigo e atual) porque podem ter as duas experiências, e aproveitá-las para entretenimento ou aprendizagem.

Apesar de as demandas das crianças atuais parecerem diferentes das de outrora, ainda acredito no poder do Conto de Fadas contado na rodinha da segunda-feira para uma turma de alunos; além de entreter, auxiliar a linguagem, tocar o lado psicológico das crianças, é uma boa maneira de começar a semana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Kátia Faria de. ROCHA, Marisa Lopes da. Psicologia: ciência e profissão. Vol.23, n.4. Brasília. Dez.2003.

BETTELHEIM, Bruno. 1903 – A psicanálise dos contos de fada. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

CHILD, Lauren. Charlie e Lola -“Diga Xis!”. Log On Editora Multimídia. São Paulo.2008

MACHADO, Ana Maria. Encantos Para Sempre. In:_____. Como e por que ler os Clássicos Universais Desde Cedo. Objetiva. São Paulo. 2002. Cap. 7

PHILIP, Neil. Volta ao mundo em 52 histórias. Tradução de Hildegard Feist. Companhia das Letrinhas. São Paulo.1998.

BARROS, Jussara de. – Contos de Fadas.

Disponível em: <http://www.educador.brasilecola.com/orientacoes/contos-fadas.htm>

Acesso em: 01/11/2010

FIGUEIREDO, Taicy de Ávila.2000 – A Magia dos Contos de Fadas. Distrito Federal. 2000. Disponível em:

<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=42>

Acesso em: 01/11/2010

FREITAS, Tereza. **Contos infantis. Formas de educação mitigada.** Lisboa : Universidade de Lisboa no âmbito da cadeira História e Filosofia da Educação, leccionada por Olga Pombo no ano lectivo de 2003/2004. Disponível em:

[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/cinderela/grimm_biografia.](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/cinderela/grimm_biografia.htm)

[htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/cinderela/grimm_biografia.htm) Acesso em: 11/12/10

KLEIMAN. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola.2006.Disponível em:

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/linguagem/texto_2_Modulo_2

Acesso em: 30/10/2010

NARDOWSKI, Mariano. **Adeus a Infância (E a Escola Que Educava)**. Disponível em:

<http://www.ead.ufrgs.br/rooda/biblioteca/abrirArquivo.php/turmas/2082/materiais/440>

2 Acesso em: 29/10/2010.

SANTANA, Ana Lucia. **Hans Christian Andersen**. 2009. Disponível em:

<http://www.infoescola.com/biografias/hans-christian-andersen/>

Acesso em: 11/12/10

Obs.: Contos e Lendas dos Irmãos Grimm não tem nenhum dado bibliográfico, a não ser se tratar de uma edição especial para a Livraria Jacomo, e impresso pelas Edições Penteado.